

Ética Cívica

Ética de máximos – Ética mínima



**"Para uma sociedade,
é muito importante
que propostas de
felicidade sejam
feitas, porque as
exigências de justiça
são muito maiores,
quando as propostas
de felicidade são
muito mais plenas"**

Adela Cortina

Na edição especial do *IHU Idéias*, realizada na quarta-feira, dia 20, a filósofa espanhola Adela Cortina abordou o tema desenvolvido em seu penúltimo livro, *Alianza y Contrato. Política, Ética y Religión*. Para a autora, a política, a ética e a religião precisam aplicar as parábolas da aliança e do contrato para uma melhor inter-relação. A filósofa também abordou o mundo dos direitos e deveres do ser humano. Durante o debate, foram discutidos temas como a implantação ou não dos direitos dos animais e a questão da religião após o atentado de 11 de setembro.

Adela Cortina é doutora em Filosofia, professora catedrática de Filosofia Jurídica, Moral e Política da Universidade de Valência, Espanha. É autora de inúmeros livros, entre os quais citamos *Razón comunicativa y responsabilidad solidaria*, 1985; *Ética mínima*, 1986; *Ética sin moral*, 1990; *La moral del camaleón*, 1991. O seu penúltimo livro, *Alianza y Contrato. Ética, Política y Religión*, Editora Madrid: Trotta, 2001, 184p, foi resenhado na edição 27ª deste boletim, páginas 11-12. Seu livro *Ética Civil e Religião* está editado em português: São Paulo: Paulinas, 1996. Os seus últimos livros estão sendo traduzidos para o português pelas Edições Loyola. Adela Cortina acaba de publicar o livro *Por una ética del consumo*, Madrid: Taurus, 2002.

Acompanhe, a seguir, entrevista com a filósofa e os ecos do evento.

IHU On-Line- Uma das definições mais freqüentes sobre Adela Cortina é a de "ativista ética". Por quê?

Adela Cortina- Sou uma pessoa comprometida com a ética e penso que a humanidade seria bem melhor, se o nível ético das sociedades subisse. Dizia Ortega que o importante, em relação à ética, é falar de pessoas ou sociedades em que a moral é elevada ou das que estão desmoralizadas, e que é muito importante as pessoas e as sociedades terem moral elevada, pois assim enfrentam os problemas vitais com interesse, com vontade e estão à altura do humano. Mas, quando se está desmoralizado, não se tem vontade de dar solução aos problemas ou se encontram más soluções, e é muito importante elevar a moral das pessoas e das sociedades, porque seria muito melhor. Por isso sou considerada uma ativista da ética.

IHU On-Line- Historicamente, o que tem baixado a moral das pessoas?

Adela Cortina- Estafas econômicas, por exemplo, que, nos últimos tempos, têm aumentado muito. As pessoas perdem a confiança nas empresas, nas instituições, nas pessoas. Outro elemento que baixa a moral, é as promessas que os políticos fazem e não cumprem, desmoralizam a sociedade, porque se rompe essa base de confiança entre as pessoas. Os profissionais, quando não cumprem sua profissão com excelência, que é o que deveria fazer um profissional, também se desmoralizam. Muitos estão preocupados em agir no limite, para que não sejam presos, e não em agir corretamente. Creio que também se desmoralizam algumas instituições civis que, em vez de cumprir sua tarefa como deve ser, agem de maneira escusa, elevando suspeitas com respeito às demais organizações civis, e as pessoas começam a generalizar a idéia de que em relação às organizações civis “nem tudo o que reluz é ouro”. Todas essas atitudes que não são as que se poderiam esperar dos empresários, dos políticos, das organizações civis baixam a moral da sociedade, e isso prejudica a todos.

IHU On-Line- Que elementos ajudariam a levantar a moral dos povos?

Adela Cortina- Em primeiro lugar, algo tão elementar como nos dar conta de que nos convém levantar a moral, inclusive como um interesse egoísta de mera conveniência. Kant dizia que até um povo de demônios se daria conta de que lhes convém o estado de direito, a paz, a concórdia, muito mais do que a guerra, o conflito, etc. Até por cálculo matemático isso nos convém. Uma sociedade sem grades, sem guarda-costas, é muito mais agradável. O problema é que há gente empenhada em viver assim e acumular mais dinheiro, mais prestígio ou coisas do estilo. Este é o momento de explicar às pessoas que devemos fazer a experiência de viver de outra maneira, e elas sentirão como é muito mais prazeroso viver com a cooperação do que com o conflito, que seremos muito mais felizes. E aí entra também o tema da justiça. Uma pessoa não pode se sentir pessoa no pleno sentido da palavra, mais ainda no século XXI, estando contente e feliz, sabendo que existe gente que não tem assistência sanitária, que não pode comer, que não tem educação. Seres humanos não podem ficar contentes e tranquilos, quando esse nível de injustiça é tão evidente. Além disso, sabemos que problemas como esses podem ser resolvidos, porque hoje há meios para isso, antes não. Falta a vontade de colocar esses meios a serviço de todas as pessoas. Temos que convencê-las de que lhes convém ter um sentido da justiça e que o contrário é inumano e muito menos prazeroso.

IHU On-Line- E qual seria o papel da religião nisso tudo?

Adela Cortina- Nas sociedades pluralistas, como em muitas onde vivemos, há o que eu gosto de chamar de distintas éticas de máximos. Distintas propostas de vida feliz religiosas ou não religiosas. No pluralismo, essas propostas convivem, porque compartilham nos mínimos de justiça, que todas crêem, devem ser cobertos. O pluralismo moral consiste em saber articular as distintas éticas de máximos desde uma ética cívica mínima compartilhada. A ética cívica mínima não é rebaixar a ética ao mínimo, e sim resgatar os valores em comum, como justiça, igualdade, solidariedade. As religiões são propostas de vida feliz, e a mim me parece que seria muito bom se as religiões recuperassem essa idéia originária de fazer propostas de felicidade, de vida plena, auto-realizada. Para uma sociedade, é muito importante que essas propostas sejam feitas, porque as exigências de justiça são muito maiores, quando as propostas de felicidade são muito mais plenas. Numa sociedade em que ninguém faz projetos de felicidade, as exigências de justiça são muito menores. Quando o que buscamos é estar bem, a justiça nos importa pouco, quando o que buscamos é ser feliz no pleno sentido da palavra, a justiça importa muito. Então as religiões seguem tendo esta tarefa de fazer propostas de felicidade e têm de recuperá-la. É a idéia do Evangelho. Há uma boa notícia. A boa notícia é que a felicidade é possível para todos os seres humanos. Essa proposta tem que ser feita, porque estamos muito carentes de propostas de felicidade. Acho que as religiões têm ido muito pelo Direito Canônico e muito pouco pelos projetos de felicidade

IHU On-Line- Como vê o cristianismo, cansado, com vitalidade...?

Adela Cortina- Um pouco cansado, porque as propostas cristãs de dignidade humana têm sido assumidas nos direitos humanos, na importância da comunidade, do meio ambiente, da igualdade, em movimentos que lutam por certos direitos. As grandes propostas humanas que, em determinado momento, eram quase exclusivas do cristianismo, agora se implantaram na vida cotidiana, de tal maneira que pertencem à ética cívica e dá a sensação de que o cristianismo ficou sem uma mensagem específica.

IHU On-Line- E qual seria a especificidade do cristianismo hoje?

Adela Cortina- Segue sendo a do amor. O amor é o nível maior do que se pode exigir da justiça. Às pessoas se lhes pode exigir que protejam os direitos de outros, mas há um lugar importantíssimo que não é o dos deveres e direitos nem o da justiça. É o que eu gosto de chamar de obrigações. A palavra obrigação vem de ligação, de vínculo. Quando eu descubro que tenho um vínculo com outro, me sinto obrigada, embora ninguém me obrigue. Não é um dever que me impõem nem algo que me dizem, e sim eu que noto esse vínculo e então me sinto “na obrigação”. E quando alguém se sente obrigado a outros, ligado com outros, então se dá conta de que há necessidades que não podem ser reclamadas como um direito nem consideradas como um dever. Todo o mundo necessita de consolo, esperança, sentido, ilusão e nenhum governo tem o dever de dar essas coisas. Esse é o papel das religiões. Elas devem dar consolo em tempos de cansaço, ajuda em tempos de vulnerabilidade, sentido quando

as pessoas se perguntam se as coisas valem a pena, sonhos, projetos... Esse é o grande papel das religiões, que quase nenhuma está cumprindo agora. Por isso estamos numa sociedade um pouco triste. São obrigações de gratuidade, e não exigências de justiça. As pessoas que podem dar sentido ou ilusões é porque também os têm e porque falam disso em abundância. As religiões devem plenificar o coração e fazer com que existam coisas que se compartilham por essa abundância do coração.



Ecos do evento

"A reflexão foi profunda, atual e convincente. Na discussão dessa sua penúltima obra, Adela Cortina abordou o tema com simplicidade, visão do todo e uma lógica compreensível e atraente".

Sílvia Teresinha Hoppe Prieto,
consultora de organização e gestão universitária.

"Ela foi maravilhosa. É importante esse intercâmbio entre universidades diferentes, de países diferentes. Achei interessante a abordagem sobre o vínculo de reconhecimento do ser humano como pessoa, e não mais como membro da natureza".

Vera Elenita da Silva Faleiro, estudante do curso de Pedagogia.

"É fantástico a Universidade trazer esse tipo de intelectual. Acabei de voltar do doutorado na Espanha e lá só tive acesso às obras de Adela Cortina. Quando chego aqui, olho no site da Unisinos e vejo que a filósofa que li, estaria aqui na Unisinos. O interessante da fala dela é que, além de ser cidadão (pelo contrato e pela justiça), o homem é um ser em busca da felicidade, que não pode ser reduzido apenas a cidadão".

Cláudio Augusto Silva Gutierrez, doutorando em Ócio e Potencial Humano,
mestre em Educação, graduado em Educação Física e professor do Centro de Ciências da Saúde.

Análise de conjuntura

Reproduzimos, na íntegra, a entrevista de Luiz Werneck Vianna, professor do Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) e recém-eleito presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. Ele é autor de inúmeros livros sendo o último *A Democracia e os Três Poderes no Brasil*, Editora UFMG. A entrevista foi publicada na *Folha de S. Paulo*, 23-11-02.

Folha - Em debate na reunião da Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), o sr. defendeu que as candidaturas presidenciais rumaram para o centro e que não houve uma disputa de caminhos alternativos para o país. Que expectativa o sr. tem em relação ao governo Lula? Em que deve se diferenciar em relação ao governo FHC?

Luiz Werneck Vianna - Antes mesmo de vencer, a candidatura Lula foi estabelecendo linhas de continuidade com o governo que ele vai suceder. Isso não foi resultado de um cálculo em março. Foram cálculos operados no curso da campanha para garantir a vitória num contexto de ordem, tranquilidade e paz. Há jornais que estão especulando que Armínio Fraga continuará no Banco Central. Mesmo se não for ele, quem ocupar o cargo não vai ser tão diferente dele. O que quer dizer o seguinte: o tema sistêmico foi adiado. Ele não vai ser o tema de 2003. O que teremos em 2003 é uma continuidade muito forte da agenda anterior e, nesse sentido, o tema da "mudança com segurança", que era o tema de Serra, será também o do Lula.

Folha - O fato de o primeiro programa anunciado pelo Lula ter sido o combate à fome não significa uma mudança de enfoque em relação ao governo FHC?

Werneck Vianna - O tema da luta contra a fome não apareceu durante a campanha, só depois das eleições. Durante a campanha, discutiu-se emprego e retomada do desenvolvimento. Isto é, temas sistêmicos. Com Lula, esse tema foi se tornando evanescente. O programa contra a fome significa uma saída lateral, emergencial, uma saída possível numa hora em que os constrangimentos sistêmicos não estão permitindo maiores inovações. Frente a essas inovações tinha que estar sinalizada a retomada do desenvolvimento e do emprego. O programa lembra muito a estratégia do governo de [Anthony] Garotinho, do restaurante popular. É um combate à fome, mas que não vai ao ponto central.

Folha - Qual a viabilidade do pacto social proposto pelo PT?

Werneck Vianna - Isso vai depender da arbitragem governamental. Getúlio Vargas realizou uma espécie de pacto social nos anos 30 no Brasil e a arbitragem disso era do Poder Executivo. Ele dizia: "a cafeicultura vai ganhar isso, mas vai perder aquilo. A industrialização virá, mas as oligarquias agrárias não perderão tudo. Os sindicatos terão leis sociais, mas os salários serão achatados". Qual foi a compensação que o Getúlio deu aos trabalhadores industriais à época? A legislação social. Qual foi o sacrifício que ele impôs a eles? A supressão da autonomia dos seus sindicatos e um achatamento salarial muito forte, fazendo com que o salário dos trabalhadores qualificados naquela época se aproximasse do salário dos trabalhadores não-qualificados, por meio da fixação do salário mínimo.

Folha - O sr. acha que um pacto como esse é viável hoje?

Werneck Vianna - É complicado, vamos ver. Eles vão ter que ver o que cada um está disposto a perder e o que cada um quer ganhar. Porque só perdas, sem ganhos, não tornarão o pacto possível. Todos os que forem pactários estarão na expectativa de um ganho determinado. Agora é evidente que, na época de Getúlio, isso tudo era facilitado porque não havia

liberdades políticas. Agora está tudo mais complicado. Vai haver muita dificuldade.

O PT tem que fazer o quê? Reforma da Previdência e tributária. Sabe-se que isso não pode ser feito com um só golpe. O que lhes restou foi jogar com a sua capacidade de mobilização para intervir nessa dimensão da fome, da miséria: "Já que não posso dar ganhos econômicos, dou ganhos de participação da sociedade e de diminuição da taxa de sofrimento a que ela está exposta".

É um movimento tático, eu diria. Mas sabe-se que, mais à frente, o tema sistêmico estará presente e sobre ele alguma política vai ter que ser explicitada. Que política vai ser essa? De uma mudança profunda ou de uma mudança segura. Eu penso que o caminho que está se colocando é o da mudança segura. E, nesse sentido, não vai ser difícil constatar elementos de continuidade entre o governo que começa e o governo que se encerra.

Folha - O sr. vislumbra alguma possibilidade de diminuição da desigualdade social num governo Lula? O tema receberá um enfoque maior do que teve no governo FHC?

Werneck Vianna - Vislumbro. Porque, se isso não for feito, esse governo vai ter muitas dificuldades de se manter. As expectativas foram todas nessa direção. Isso não pode ser traído. A traição implicaria a perda do trunfo principal do qual esse governo é portador. Agora se você pensar, por exemplo, na questão da inflação. O governo Lula será fiador perante a população da estabilidade monetária. Se, além de [o governo] não criar empregos, a inflação voltar, a situação complica.

O econômico no governo Fernando Henrique foi uma forma de realizar a política do social. Como? Na luta antiinflacionária, que teve efeito distributivo em relação ao conjunto da população, que era a grande penalizada com a corrosão da moeda. Agora essa política encaminhava o social de um modo passivo e no interior do tema econômico. O que o governo Lula está fazendo é encaminhar o social na sua dimensão própria. Qual é o risco? O risco é o de não traduzir as pressões que vêm do social num programa de ação política e de ação econômica e amesquinhar o social num assistencialismo. Esse é o risco.

ACONTECE

Pensando e fazendo gênero

Na última sexta-feira, dia 22, aconteceu a Jornada Pensando e Fazendo Gênero, promovida pelo *Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Relações de Gênero e História das Mulheres na América Latina - NUIEG*, inserido no Setor Ética, Cultura e Cidadania do Instituto Humanitas Unisinos. A abertura do evento foi feita pelo Prof. Dr. Inácio Neutzling, que deu ao grupo a palavra de ordem *ousar*. Em seguida, a professora Marita Konzen, do Centro de Ciências Jurídicas, ministrou a palestra *"As Mulheres na Mitologia"*. A partir daí iniciaram-se as apresentações de trabalhos com o tema. Ao todo foram 11 trabalhos inscritos apresentados.

Professores, alunos e bolsistas de diversos cursos e áreas da Universidade relataram suas experiências e pesquisas. A próxima promoção do Núcleo está prevista para março de 2003, pela comemoração do Dia Internacional da Mulher.



Ecos do evento

"A Jornada foi linda. A gente pode se dar conta de quantas pessoas tratam da temática do gênero ou estão envolvidas com práticas sociais na Universidade que não se conhecem. Aí está a importância do encontro. Outro fator de importância é o de mapear grupos, instituindo o conceito de redes na Unisinos".

Profa. Cleci Favaro, integrante do NUIEG e professora do PPG em Ciências Sociais Aplicadas, do Centro de Ciências Humanas.

"Com certeza, o evento atingiu e ultrapassou todas as expectativas. Não esperávamos a situação que está se desenhando, principalmente com relação ao número de pessoas envolvidas. Nosso próximo desafio é fazer com que os homens entrem na discussão do gênero. É preciso quebrar esse preconceito de que gênero é assunto exclusivo de mulheres. É impressionante o quanto há de inter e transdisciplinaridade entre as áreas de ensino, ao falar de gênero. Aprendemos a ver com outros olhares".

Profa. Jussara Gue Martini, integrante do NUIEG e professora do Centro de Ciências da Saúde.

"Ouve um crescendo do turno da manhã para a tarde. As pessoas foram ficando mais descontraídas. Foi interessante a intervenção de novas idéias, novas propostas, pesquisas e a idéia de um trabalho conjunto. Percebemos hoje a importância do tema gênero na Universidade. A questão de trazer homens para a discussão é um desafio. Talvez esse possa ser o tema de próximas discussões".

Profa. Valburga Streck, integrante do NUIEG e professora do PPG em Ciências Sociais Aplicadas, do Centro de Ciências Humanas.

União faz a vida

Na sexta-feira, dia 22, aconteceu uma reunião do Programa *A União Faz a Vida*, para, entre outros assuntos, definir os municípios de abrangência do programa em 2003. Participaram a coordenadora adjunta do IHU, profa. Vera Schmitz, o coordenador do programa, prof. Vergílio Périus, a professora Haide Hupffer, da Procex e Rejane Hennemann da Silva, do Escritório de Gestão e Tecnologia, EGT.

Convênio

Está em andamento um contrato entre a Unisinos e a Prefeitura de Santa Cruz do Sul para apoiar e incentivar as quatro mil famílias existentes no município a se auto-organizarem em cooperativas. A Universidade entra como parceira,

ministrando cursos e fazendo assessoria para a administração municipal e para as cooperativas que possam surgir. Quem ministra e presta assessoria são os professores Vergílio Périus e Derli Schmidt, do Grupo Temático Cooperativismo do IHU e Eusébio Finkler, da prefeitura de Novo Hamburgo. Os dois cursos ministrados iniciaram no dia 19 de novembro e encerram no próximo dia 28. Um deles é para gestores de administração pública, e o outro para lideranças de cooperativas comunitárias e sindicatos. O contrato encerra em 15 de março de 2003.

Economia de cooperação

Nos dias 22 e 23 de novembro, o professor Otto Konzen, do GT Cooperativismo do IHU esteve ministrando a aula *Economia da Cooperação* no curso de Pós-Graduação Especialização em Gestão de Cooperativas, em Maceió, Alagoas. O curso é promovido pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Maceió (ESAMC). Quem presta apoio institucional é a Unimed Alagipe, Unicred Alagoas e Unisinos.

Visita ao Rincão Gaia

O Instituto Humanitas Unisinos está promovendo, dentro das comemorações do sexto mês de falecimento de José Lutzenberger, uma visita ao Rincão Gaia. No local onde o corpo de José Lutzenberger foi enterrado os visitantes da Unisinos e de outras entidades gaúchas plantarão um umbu.

A visita à Fundação Gaia acontecerá no próximo sábado, dia 30. As inscrições podem ser feitas, até o final do dia 25 de novembro, segunda-feira, no Setor de Admissão e Matrícula. O custo do transporte será de R\$ 20,00 por participante. As demais despesas, como alimentação, também serão por conta dos participantes. A saída será às 7 horas, em frente ao Prédio do Centro de Ciências Humanas. O retorno à Unisinos está previsto para às 17h30min.

A visita ao Rincão Gaia é mais uma iniciativa que se insere na celebração da memória desta figura humana imponente que foi José Lutzenberger. Neste sentido, foi também promovida uma sessão pública no final do mês de agosto deste ano e a Semana Sociedade e Ambiente, no início do mês de novembro com a entrega de uma placa para a filha de José Lutzenberger.

Consciência negra

Aconteceu nos dias 18, 19 e 20 de novembro, a Semana da Consciência Negra na Unisinos. A promoção foi Grupo de Estudantes e Comunidade Afro da Unisinos - ECAU, inserido no Setor Ética Cultura e Cidadania do IHU. Entre oficinas e palestras, o evento culminou com uma celebração afro no Espaço Cultural, realizada no último dia do evento, quarta-feira, dia 20.

Religiões

No dia 21 de novembro, aconteceu mais um encontro do Grupo permanente de estudos e reflexões com lideranças e representantes religiosos locais. Neste mês, os temas discutidos foram:

Mapa das religiões, com o Pe. José Ivo Follmann; Intercâmbio de conhecimentos e experiências sobre a religião Africanista, com os representantes Aida Maria de Lima, Antônio Luna, Dejair d'Ogum, Dinorá Nunes e Paulo Gaspar, representantes dos seguintes locais de culto: Casa Africana Nossa Senhora da Conceição – Canoas; Ilê dos Orixás – São Leopoldo; Casa Africana Nossa Senhora da Conceição – Canoas.

em

DESTAQUE

A UNISINOS E A REPÚBLICA GUARANI A UNISINOS É NOTÍCIA EM DIÁRIO FRANCÊS

Sob o título “As ‘missões’ jesuítas no Brasil, guardam o espírito da cidade ideal”, o cotidiano francês **La Croix**, na sua edição do final de semana de 9 a 11 de novembro, publica uma reportagem de página inteira relacionando o legado missionário com a missão da Unisinos. A reportagem, assinada por Michel Kubler, reproduz uma longa entrevista do prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes, Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa. Segundo o jornal, a Unisinos, “esta universidade ultra-moderna, dispõe atrás dela, quatro séculos de tradição”. Segundo a reportagem, “é neste sentido que, entre seus múltiplos departamentos, o Instituto Humanitas Unisinos proporciona uma formação humanista de inspiração cristã: iniciação à doutrina social da igreja, princípios de uma economia solidária”. A reportagem ainda relaciona a Unisinos com a realização do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, o orçamento participativo e a eleição de Lula. A reportagem conclui afirmando que

“assim se perpetua, de São Miguel a Porto Alegre, a vocação para a missão dos jesuítas no Brasil...Discernir os lugares onde a pessoa humana vai mal, onde o mundo não funciona. Inventar os caminhos de uma alternativa a todas estas negações: ontem a colonização, hoje a globalização. E dar provas de um realismo profético: a globalização não desaparecerá de um dia para outro, mas depende de nós para que ela seja a globalização da solidariedade e da paz, preservando as diferentes identidades. Os guaranis de ontem ou de hoje, como todo ser humano, estão na busca da sua plena humanidade”.

O AMOR E SUAS VICISSITUDES: AS CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O amor sob a ótica das crianças foi o tema do *IHU Idéias* da última quinta-feira, dia 21. A apresentação foi da Profa. Dra. Vera Regina Ramires, professora do Centro de Ciências da Saúde. Vera Ramires desenvolveu o assunto intitulado *O amor e suas vicissitudes: as concepções de crianças e adolescentes*. Esta foi a sua tese de doutorado, defendida em maio deste ano na PUCSP. Foi apresentada a metodologia e os resultados de um estudo realizado para a pesquisa da tese, com o intuito de descobrir como as crianças e os adolescentes de 5 a 15 anos vêem o amor, principalmente com relação ao divórcio dos casais. As respostas das crianças comentadas pela professora surpreenderam e encantaram os presentes.



Ecos do evento

"O assunto é muito interessante. Sou estagiária na área da Psicologia e vejo na prática que as crianças trazem essas aflições com relação ao amor. A separação mexe com seus imaginários e provoca sofrimento, acarretando problemas na família e até na escola".

Daiana Dors, aluna e estagiária do curso de Psicologia.

"É interessante perceber a construção que uma criança de 5 anos consegue fazer, baseada no que significa o amor e observar como ela sente a necessidade da relação. As crianças afirmaram com facilidade que, se um relacionamento não vai bem, é melhor que o casal se separe. Acho que aí deveria ter acontecido uma divisão. Quem responde isso não pode ser filho de pais que se separaram. Quem viveu essa experiência, não faz esse tipo de construção com tanta facilidade. Tenho curiosidade em saber o que responderiam somente aquelas crianças que viveram a situação do divórcio dos pais".

Profa. Dra. Lucilda Sellí, doutora em Ciências da Saúde, mestre em Assistência de Enfermagem e professora do Centro de Ciências da Saúde.

"O que me chamou a atenção é que as crianças vêem o amor como finito. Elas têm consciência de que ele acaba, de que não é eterno".

Profa. Ledi Kauffmann Papaléo, professora do Centro de Ciências da Saúde.

LÓGICA DO NILISMO

ÚLTIMO IHU IDÉIAS DE 2002

Dia 28, quinta-feira próxima, o *IHU Idéias* terá a apresentação do livro: "Lógica do Nilismo: Dialética, Diferença, Recursividade", de Franca D'Agostini, pelo Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino.

Prof. Dr. Marcelo é professor do PPG em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas e vice-reitor da Unisinos. É Doutor e Pós-Doutor em Filosofia, Mestre em Teologia e Filosofia, Especialista em Filosofia e Graduado em Filosofia e Teologia. O livro da autora italiana estará à venda no local pela Editora Unisinos, com 40% de desconto.

O IHU Idéias desta quinta encerra suas atividades para o ano de 2002. Acontece na sala 1C103, das 17h30min às 19 horas.

O IHU On-line número 38, de 7 de outubro de 2002, páginas 14-19, publicou o prefácio do prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino à edição brasileira do livro.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

***CÍRCULOS OPERÁRIOS: A IGREJA CATÓLICA
E O MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL.
JESSIE JANE VIEIRA DE SOUZA: EDITORA UFRJ, 2002, 317 P.***

Há setenta anos, em Pelotas, RS, eram fundados os Círculos Operários. Apresentamos nesta semana, quando se celebra a fundação desse movimento com um evento comemorativo, em Pelotas, o livro de Jessie Jane Vieira de Souza, *Círculos Operários: A Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*.

SOBRE A AUTORA

Jessie Jane Vieira de Sousa, carioca, é doutora em história social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretora geral do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO POR ANDRÉ LUIZ VIEIRA DE CAMPOS

“Desde 1969, tenho o privilégio de conviver com esta pessoa íntegra que é Jane, como me acostumei a chamá-la. Aqueles que conhecem Jessie Jane têm muitos motivos para admirá-la. Um deles muito simples: apesar de todos os revezes que a vida lhe reservou, Jane soube preservar sua generosidade, afetividade e bom

humor. Outro motivo: sendo uma típica representante da “geração 68”, Jane não permaneceu encapsulada nos limites daquele tempo: guardou o melhor de sua geração e abriu-se afetiva e politicamente para as questões do tempo presente.

Por isso, foi como pessoa coerente e inteira que Jane escolheu a história da Igreja Católica no Brasil – especialmente a história dos círculos operários entre 1932 e 1964 – como objeto de sua tese de doutorado, agora transformada em livro. A tentativa de Jessie Jane de entender a Igreja e sua complexidade nasceu “de sua história pessoal”, da imagem da Igreja reacionária e inimiga dos comunistas que cristalizara na infância, já na década de 1970. Jane deparou-se com uma outra face da instituição: a Igreja dos oprimidos, da teologia da libertação.

A história dos círculos operários – ou circulismo, como foi designado o movimento – é um tema bastante ignorado pela historiografia não apenas da Igreja Católica, mas também do sindicalismo brasileiro. Ao contrário do que possa a princípio parecer, o circulismo não foi um movimento trabalhista, mas um projeto de intervenção religioso-cultural nos sindicatos, o *modus operandi* da ação da Igreja no mundo do trabalho. O projeto católico, porém, era bem mais ambicioso: o circulismo também pretendia educar as classes produtoras numa perspectiva de harmonia social que reconhecia o “desenvolvimento” e seus temas correlatos – a industrialização e a urbanização – como caminhos que se abriam para a sociedade brasileira na década de 1930.

O circulismo apresenta-se também como tema importante, porque, através dele, a Igreja construiu seus interlocutores junto ao Estado e à sociedade. Neste projeto, a “questão social” era apresentada numa dimensão moderna que advogava a inclusão de todos – trabalhadores e proprietários – numa sociedade onde o trabalho era valorizado como fator não apenas dignificante, mas também de legitimação da ação política.

Apesar do enfoque no circulismo, Jessie Jane contempla também a análise da estratégia política da Igreja em relação ao Estado brasileiro, concluindo que a presença da Igreja na história republicana não foi absolutamente subalterna. Ao contrário, nas relações mantidas com o Estado, estabeleceu suas próprias prioridades e metas. Sofrendo uma profunda inflexão em 1889, a Igreja brasileira elaborou, a partir desse ano, por meio das pastorais coletivas do episcopado, uma estratégia de poder que se materializou num pacto de mútua dependência com o Estado no pós-1930. Neste processo, a Igreja passou por mudança, implementando a centralização romana e a reforma tridentina, instrumentos com os quais conseguiu legitimar seu projeto teológico-político. A busca por legitimidade explicaria a imensa plasticidade da Igreja para lidar com o mundo temporal, plasticidade manifestada em sua participação nas Marchas da Família pré-1964 e no papel de oposição ao regime militar que assumiu a partir de 1968.

A autora conclui que a experiência construída pelo circulismo no campo da formação sindical foi vitoriosa e eficaz. Um dos motivos que a levam a esta conclusão pode não agradar a certa tradição sindical, pois a autora afirma que a experiência circulista foi herdada pelas diferentes correntes que, no pós-1964, passaram a atuar no campo sindical. Portanto, podemos deduzir que um dos seus herdeiros foi o chamado “novo sindicalismo” que, apesar de pretender inaugurar um

novo tempo, tinha também suas raízes em princípios e práticas da política sindical anterior ao regime militar.

Além do mérito da originalidade, este livro nos permite compreender melhor a sociedade brasileira do século XX. Ao mesmo tempo, sua temática nos coloca diante de desafios da história recente, os quais, queiramos ou não, nos cabe hoje enfrentar.

**PREFÁCIO ESCRITO POR ROBERTO ROMANO,
PROFESSOR DE FILOSOFIA DA UNICAMP**

“Uma tarefa das mais difíceis, no mundo intelectual, é a de analisar instituições. Quando se trata de indivíduos, temos uma imensidade de detalhes e de diferenças notáveis que eles apresentam entre si e em relação ao conjunto a que pertencem, pois as fórmulas abstratas de identificação passam ao largo de muitas referências. Se é verdade o princípio enunciado por Leibnitz de que nada no universo está rigorosamente submetido à igualdade ("nenhuma folha de árvore é igual às demais"), no mundo social isso se agudiza ao máximo.

Quando pensa nas instituições que reúnem miríades de individualidades ao longo de milênios, o intelectual e pesquisador honesto sente uma vertigem. Como recolher em alguns capítulos um tapete de cores tão variegadas, com tantos desenhos, explodindo em vida plena de alegrias e dores, má-fé e sinceridade, abertura de mente e coração e mesquinhez hedionda? Nenhuma instituição pode ser pesquisada no seu todo. Há, pois, um equívoco basilar nos livros que prometem isso. Por exemplo, quando o título de um livro é "Estado e sociedade civil", a pretensão é demasiada. Quando a estes elementos fráscicos se acrescenta "no Brasil", tudo se torna ainda mais nebuloso. Mas se o alvo é discorrer sobre aquelas instituições "no mundo", ou na "história", é possível interrogar a boa presença da razão no escritor que promete semelhantes proezas.

Dado que nenhuma pesquisa empírica pode reproduzir *in totum* os meandros de agrupamentos humanos milenares (é saborosa a ironia de Borges sobre o empirista para quem o mapa argentino perfeito teria o tamanho real da Argentina), escolhas devem ser feitas. Sendas devem ser descobertas, para atingir clareiras e cumes onde a visibilidade do conjunto estudado seja mais favorecida.

Este momento da busca intelectual é o mais árduo, porque supõe um enorme acúmulo de informações e análises teóricas. Mas o espaço e o tempo da sua exposição revelam-se restritos. Não é possível tudo ver, tudo dizer, tudo provar quando se apresentam os resultados, sempre parciais e passíveis de reformulação, numa redação acadêmica. Neste momento, até o historiador mais capaz de sínteses geniais sente-se no mesmo estado de melancolia registrado pelo poeta Marvell, quando lamenta a falta de horas para atingir o objeto amado: "Had we but world enough, and time...".

Esse aspecto do trabalho intelectual tem sido a obsessão dos maiores pensadores modernos. Na verdade, ele se origina dos primeiros vagidos da alma humana, quando pretendeu-se escrever sobre as práticas e as técnicas de sobrevivência no interior da natureza hostil. O Tempo e o Espaço são duas esfinges que devoram os pesquisadores e estraçalham os imprudentes que imaginam

escrever "sobre tudo". O aforismo hipocrático é o grande lugar comum, advertência contra o orgulho dos que pretendem se instalar facilmente em totalidades noéticas ou práticas: "Arte longa, vida breve". Justo por isso, o pensamento grego sempre apresentou reservas contra a garrulice escrita ou falada. O uso econômico de frases, depois de uma paciente inspeção de muitos dados, marca os grandes textos da filosofia ocidental.

Não é por outro motivo que, no século XIX, tanto o idealismo quanto o pensamento materialista se preocuparam com o problema da exposição do saber. Fichte, de um lado, Marx, de outro, simbolizam esta preocupação filosófica e metodológica arcaica (no sentido de "fundamental"). Escrever com sentido, em páginas que jamais poderão reproduzir a riqueza do material empírico, é tarefa para gênios.

Montaigne renunciou toda a dificuldade da exposição intelectual. Por isso mesmo, renunciou ao orgulhoso tratado universitário, escolhendo um instrumento expositivo o mais aproximado possível da pesquisa, o ensaio. Mesmo filósofos opostos ao procedimento cético, como Spinoza, utilizaram recursos expositivos que não partiram, sem enormes cautelas, do *verdadeiro*. O autor da *Ética* recorreu, para dizer as dificuldades da exposição dos resultados de uma pesquisa, na ausência das matemáticas, a uma forma basilar da língua: a narrativa. Assim, para ele, as idéias seriam "relatos ou histórias da natureza no pensamento". Descartes, por sua vez, afirmou que não faria demonstrações completas sobre todos os pontos requeridos pela marcha científica, mas apenas sobre os meios para sua descoberta, "aos que tiverem o trabalho de procurar". E acrescentou: "Para fazer um quadro que vos agrade, é preciso que eu empregue sombra e cores claras também. Tanto me contentaria prosseguir a descrição que iniciei, como não tendo outro desejo senão o de vos narrar uma fábula".

A maior parte dos filósofos tem muito receio de prometer, nos seus livros, o "todo" natural ou humano. Quando arriscam um sobrevôo de ambos, batizam esse ensaio como narrativa, história, fábula. Embora sem o caráter comprobatório das pesquisas empíricas e da axiomatização, estes relatos ensinam muito sobre os homens e suas instituições, por uma razão que apenas recentemente está sendo analisada no mundo acadêmico: a própria gênese de nosso intelecto revela que pensamos, desde o início da humanidade até os dias de hoje, em forma de narrativa.

Sempre estamos relatando o que sentimos aos outros, ou a um outro ausente, a humanidade, que repousa no mais íntimo de nosso eu. Deste modo, a história conhece, hoje, uma revalorização inaudita.

Qual a causa dessas considerações sobre o método no prefácio de um livro tão bonito quanto este, de Jessie Jane? É porque sei perfeitamente que ele irá suscitar polêmicas, pois relata uma história não muito agradável aos historiadores e acadêmicos que julgam possuir "a chave" da compreensão e do estudo sobre a Igreja, o Estado, a sociedade civil. Se nenhuma pesquisa sobre as coletividades deixa de enfrentar a massa, mãe dos ódios, dos rancores, das esperanças dos que as constituem, a tarefa torna-se virulenta quando se trata da experiência religiosa organizada. Como discutir a Igreja, sem buscar os indícios profundos que subjazem em múltiplos campos da ação humana e atravessam o *complexio oppositorum* católico? O leitor me perdoará essa longa passagem. É que o exemplo de Jessie

Jane vai num sentido diametralmente oposto aos procedimentos que encontrei e ainda encontro na universidade brasileira no relativo ao campo de pesquisa por ela escolhido.

Permitam-me um pouco de história pessoal. Meu primeiro contato com Jessie Jane foi indireto. Na ditadura militar, jovens idealistas e patriotas, em vários partidos e movimentos, assumiram as teses da luta direta contra o arbítrio. Assim, boa parte deles praticou ações guerrilheiras contra o governo castrense. Certo dia, a imprensa noticiou a tentativa de seqüestro de um avião em território nacional. As forças repressivas venceram a parada, impedindo o seqüestro. Dentre as pessoas presas na ocasião, estava uma jovem de raciocínio brilhante e ágil, Jessie Jane. A partir desse dia, segui com interesse todas as notícias sobre ela.

Após muitas peripécias familiares e políticas, tendo o tempo passado com o seu rigor, encontrei numa tarde quente de Campinas a figura suave de Jessie Jane, liberta de uma dolorosa prisão que durou anos, falando-me de suas análises para o mestrado em História. O encanto que senti é explicável: em primeiro lugar, é raro ter diante de nós ex-presos políticos que não supervalorizam sua experiência pessoal e nem mostram ressentimentos com a vida. Jessie é um exemplo de que é possível lutar sem perder o sentido do outro, de seus direitos.

Charles Bettelheim dizia, aproximadamente, a seguinte frase para os judeus que mergulharam no mar do ódio após terem passado pelos campos nazistas: "um número tatuado no braço não é uma permissão para maltratar os nossos semelhantes". Tenho visto muitas vezes a face do ódio, e não a amizade pelo humano, em muitos seres que sofreram com a repressão militar e que hoje se sentem no direito de fazer os seus próximos sofrerem. Não, isso não ocorreu com Jessie Jane. Até hoje, sua pesquisa é uma luta em prol dos valores sociais elevados, sobretudo a democracia, sem amargor.

Esta marca serena projeta-se nos capítulos que o leitor vai percorrer. Neles encontram-se argumentos, alguns provocantes, provas históricas, raciocínios. Mas quem os segue tem a inteira liberdade para aceitar ou recusar as razões de Jessie Jane. Toda a passagem pela política dos círculos operários, cuja tática e mesmo estratégia mostram muito da moderna essência eclesiástica, evidencia que esta última ainda é a grande domesticadora, *sine ira et studio*, de enormes massas, com ajuda de doutrinas as mais diversas. Jessie não cai na esparrela, que invalida muitas análises próximas às suas, de forçar o sentido dos textos, ou de ampliar indevidamente o seu teor reacionário ou progressista. A forma católica da dominação das almas, o projeto de uma sociedade dirigida verticalmente pela hierarquia, a estrutura quase militar dos organismos religiosos e de associação descritos neste livro fazem pensar nas lutas imensas que o pensamento laico teve de assumir, com muitos riscos.

Aprendi muito com a história narrada por Jessie Jane. Eu não tinha idéia da complexidade (que ela não afasta de seu caminho) do relacionamento entre mundo operário, sociedade civil e hierarquia da Igreja, tal como se lê neste livro. Escrevi um volume em 1978 que, se fosse publicado hoje, certamente precisaria sofrer remanejamentos lógicos, históricos, sociais, mediante as descobertas de Jessie Jane. Sou-lhe grato por esta superação e relativização do meu próprio trabalho.

E digo - para terminar este prefácio, cujo intento inicial era o de referir ângulos importantes do trabalho acadêmico que temos diante de nós - o mesmo que disse sobre meu livro, em uma resenha de *Brasil, Igreja contra Estado*, Gérard Lebrun, o único filósofo que entendeu os intentos de minha exposição: "Decidindo se ancorar no século e mudar a sua pastoral, a Igreja militante redescobre assim que ela é um projeto de poder e, no mesmo golpe, ela liga-se novamente com aquela que talvez seja a sua vocação mais profunda. De modo que o conselho filológico de Nietzsche retomaria mais do que nunca o seu valor: a crítica do cristianismo passa menos pelo exame de sua dogmática do que pela análise da práxis cristã como forma singular de vontade de potência". Não se trata apenas de estudos de ideologia, mas de uma inspeção nas profundezas de uma ordem dominadora. E isso é bem mais grave do que analisar discursos que flutuariam em superestruturas de nosso tempo.

E terminava Gérard Lebrun: "Qualquer que seja o vosso credo político, tentai esquecer a atualidade antes de abrir este livro. Dizei para vós mesmos que o seu autor quis menos chocar as opiniões do que desarrumar as valorizações que escorregaram por baixo". Só posso repetir esse ponto ao leitor de Jessie Jane. Em sua arqueologia do pensamento social católico desvenda-se o sentido da potência e do controle de corpos e de almas.

Na sua vida pública, a autora tem agido contra essas atitudes autoritárias. Coerente com os pressupostos da liberdade democrática, Jessie Jane não faz uma apologia da Igreja, bem ao gosto das seitas que a tentam parasitar à direita e à esquerda. E nem efetiva uma condenação dos seus impulsos e de suas formas de mando. "Não rir, não chorar, mas compreender", este preceito hermenêutico, esposado por Baruch Spinoza, da *Ética* já citada acima, a mais nobre das éticas do Ocidente, cabe perfeitamente ao livro que o leitor tem entre as mãos. A sua leitura, e releitura, permite-nos entender um pouco mais este mundo que perdeu o encanto sagrado, mas que herdou as técnicas e os motivos da dominação dos trabalhadores, geridos e gerados durante séculos pela *mater et magistra*.

Se as análises de Jessie Jane ferem os que desejam certezas e as encontram no regaço da hierarquia eclesiástica, ela não tem culpa disso. É bom perguntar se quebrando o espelho o objeto refletido some na voragem do Nada. Modestamente, me incluo entre os que respondem "não" a esta pergunta".

EXTRATOS DO LIVRO

- “Após inúmeras *démarches*, a partir de 1932, a hierarquia eclesiástica adotou o modelo dos círculos operários como instrumento de intervenção, porque era uma organização ligada ao catolicismo romanizado e tridentino e, como tal, encontrava-se no campo da Ação Católica. A partir de 1936, o circulismo passou a ser a organização católica responsável pela implementação dos princípios católicos no mundo do trabalho”.(p.275)
- “O movimento circulista teve dupla função. De um lado, disciplinou o próprio campo católico porque, ao ser eleito pela Ação Católica como a proposta oficial da estrutura hierárquica, terminou por desqualificar as outras organizações operárias católicas que não estavam submetidas à centralização curial. De outro, apresentou-se à sociedade como organização capaz de criar alternativas à

desordem moral e social gerada pela descristianização do trabalho. Conseguiu apresentar-se à sociedade como portador da mensagem do corpo místico de Cristo. É, portanto, um movimento que se pretende totalizante”.(p. 275)

- “Ao sacralizar o corpo que trabalha, a Igreja conferiu-lhe um estatuto de dignidade que deveria ser observado pela implementação de uma legislação trabalhista e previdenciária. E terminou, também, por sacralizar o próprio Estado, na medida em que era nele que a Igreja buscava o *locus* da legitimação de sua própria ação renovadora do tecido social. A Igreja queria disciplinar o mundo do trabalho e ordenar a sociedade”. (p. 276)
- O circulismo é um movimento que ficou no esquecimento, um fato mantido em um passado que não deve ser lembrado. Sua história não interessa a ninguém.
- Para comunistas, socialistas e setores independentes da esquerda envolvidos com o processo social, o circulismo era considerado apenas como mais uma intervenção da cúpula católica no sindicalismo. Não percebiam as suas especificidades porque não captavam o que lhe era essencial: não se tratava de um movimento político, mas de uma proposta que se movia no campo essencialmente cultural, educativo e formativo.
- O circulismo não foi só o animador de "oposições sindicais" durante a década de 1950 e o centro aglutinador do "sindicalismo democrático" nos anos 1960; foi, sobretudo, para os setores independentes e de esquerda presentes no movimento sindical do período, o inimigo mais perigoso, porque formulava políticas de longo prazo a serem implementadas no campo das idéias”. (p. 279)

Artigo da Semana

A VERDADE DE UM PAÍS
CRISTOVAM BUARQUE

Foi nos enviado e publicamos o artigo ‘A verdade de um país’ de Cristovam Buarque. Cristovam Buarque, autor de vários livros, entre os quais *A Revolução nas prioridades*, São Paulo: Paz e Terra, 1994, já em várias edições, foi reitor da UnB e governador de Brasília. Atualmente é senador-eleito.

Uma sugestão: ler este artigo à luz da entrevista de Adela Cortina publicada nesta edição sobre ética de máximos e ética cívica mínima.

A VERDADE DE UM PAÍS

“Em nenhum outro país os ricos demonstraram mais ostentação que no Brasil. Apesar disso, os brasileiros ricos são pobres. São pobres porque compram sofisticados automóveis importados, com todos os exagerados equipamentos da modernidade, mas ficam horas engarrafados ao lado dos ônibus de subúrbio. E, às vezes, são assaltados, seqüestrados ou mortos nos sinais de trânsito. Presenteiam belos carros a seus filhos e não voltam a dormir tranquilos enquanto eles não

chegam em casa. Pagam fortunas para construir modernas mansões, desenhadas por arquitetos de renome, e são obrigados a escondê-las atrás de muralhas, como se vivessem nos tempos dos castelos medievais, dependendo de guardas que se revezam em turnos. Os ricos brasileiros usufruem privadamente tudo o que a riqueza lhes oferece, mas vivem enclacados na pobreza social.

Na sexta-feira, saem de noite para jantar em restaurantes tão caros que os ricos da Europa não conseguiriam freqüentar, mas perdem o apetite diante da pobreza que ali por perto arregala os olhos pedindo um pouco de pão; ou são obrigados a restaurantes fechados, cercados e protegidos por policiais privados. Quando terminam de comer escondidos, são obrigados a tomar o carro à porta, trazido por um manobrista, sem o prazer de caminhar pela rua, ir a um cinema ou teatro, depois continuar até um bar para conversar sobre o que viram.

Mesmo assim, não é raro que o pobre rico seja assaltado antes de terminar o jantar, ou depois, na estrada a caminho de casa. Felizmente isso nem sempre acontece, mas certamente, a viagem é um susto durante todo o caminho.

E, às vezes, o sobressalto continua, mesmo dentro de casa. Os ricos brasileiros são pobres de tanto medo. Por mais riquezas que acumulem no presente, são pobres na falta de segurança para usufruir o patrimônio no futuro.

E vivem no susto permanente diante das incertezas em que os filhos crescerão. Os ricos brasileiros continuam pobres de tanto gastar dinheiro apenas para corrigir os desacertos criados pela desigualdade que suas riquezas provocam: em insegurança e ineficiência. No lugar de usufruir tudo aquilo com que gastam, uma parte considerável do dinheiro nada adquire, serve apenas para evitar perdas. Por causa da pobreza ao redor, os brasileiros ricos vivem um paradoxo: para ficarem mais ricos têm de perder dinheiro, gastando cada vez mais apenas para se proteger da realidade

hostil e ineficiente. Quando viajam ao exterior, os ricos sabem que no hotel onde se hospedarão serão vistos como assassinos de crianças na Candelária, destruidores da Floresta Amazônica, usurpadores da maior concentração de renda do planeta, portadores de malária, de dengue e de verminoses. São ricos empobrecidos pela vergonha que sentem ao serem vistos pelos olhos estrangeiros.

Na verdade, a maior pobreza dos ricos brasileiros está na incapacidade de verem a riqueza que há nos pobres. Foi esta pobreza de visão que impediu os ricos brasileiros de perceberem, cem anos atrás, a riqueza que havia nos braços dos escravos libertos se lhes fosse dado direito de trabalhar a imensa quantidade de terra ociosa de que o país dispunha.

Se tivessem percebido essa riqueza e libertado a terra junto com os escravos, os ricos brasileiros teriam abolido a pobreza que os acompanha ao longo de mais de um século. Se os latifúndios tivessem sido colocados à disposição dos braços dos ex-escravos, a riqueza criada teria chegado aos ricos de hoje, que viveriam em cidades sem o peso da imigração descontrolada e com uma população sem miséria.

A pobreza de visão dos ricos impediu também de verem a riqueza que há na cabeça de um povo educado. Ao longo de toda a nossa história, os nossos ricos abandonaram a educação do povo, desviaram os recursos para criar a riqueza que seria só deles, e ficaram pobres: contratam trabalhadores com baixa produtividade, investem em modernos equipamentos e não encontram quem os saiba manejar, vivem rodeados de compatriotas que não sabem ler o mundo ao redor, não sabem mudar o mundo, não sabem construir um novo país que beneficie a todos.

Muito mais ricos seriam os ricos se vivessem em uma sociedade onde todos fossem educados. Para poderem usar os seus caros automóveis, os ricos construíram

viadutos com dinheiro de colocar água e esgoto nas cidades, achando que, ao comprar água mineral, se protegiam das doenças dos pobres.

Esqueceram-se de que precisam desses pobres e não podem contar com eles todos os dias e com toda saúde, porque eles (os pobres) vivem sem água e sem esgoto.

Montam modernos hospitais, mas tem dificuldades em evitar infecções porque os pobres trazem de casa os germes que os contaminam. Com a pobreza de achar que poderiam ficar ricos sozinhos, construíram um país doente e vivem no meio da doença. Há um grave quadro de pobreza entre os ricos brasileiros. E esta pobreza é tão grave que a maior parte deles não percebe.

Por isso a pobreza de espírito tem sido o maior inspirador das decisões governamentais das pobres ricas elites brasileiras. Se percebessem a riqueza potencial que há nos braços e nos cérebros dos pobres, os ricos brasileiros poderiam reorientar o modelo de desenvolvimento em direção aos interesses de nossas massas populares.

Liberariam a terra para os trabalhadores rurais, realizariam um programa de construção de casas e implantação de redes de água e esgoto, contratariam centenas de milhares de professores e colocariam o povo para produzir para o próprio povo.

Esta seria uma decisão que enriqueceria o Brasil inteiro: os pobres que sairiam da pobreza e os ricos que sairiam da vergonha, da insegurança e da insensatez.

Mas isso é esperar demais...

Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas”.

ENTREVISTA DA SEMANA

*SAMUEL PINHEIRO GUIMARÃES
A ARMADILHA DA ALCA*

Reproduzimos na íntegra a entrevista do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães publicada na revista IstoÉ, no. 1730, 25-11-02. Aos 63 anos, 39 de carreira diplomática com passagem por postos importantes como a chefia do departamento econômico do Ministério das Relações Exteriores, especialista em comércio exterior e professor universitário, o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães pertence àquele grupo de diplomatas que, por causa de suas posições firmes e polêmicas, obrigam a burocracia a fazer limpezas periódicas nas próprias posições. O último debate crucial em que se meteu, em agosto do ano passado, custou-lhe o cargo. Declarou abertamente que o Brasil não deveria aderir à Associação de Livre Comércio das Américas (Alca) por considerá-la uma pá de cal sobre qualquer estratégia de desenvolvimento econômico. Acabou exonerado da diretoria do Instituto de Relações Internacionais, braço do Itamaraty destinado a patrocinar estudos, discussões e seminários.

A ARMADILHA DA ALCA

ISTOÉ – Qual o cenário para o próximo governo?

Samuel Guimarães – O cenário internacional é de extraordinária instabilidade política, arbítrio, violência. Há estagnação econômica nos três principais polos da economia mundial – Japão, União Européia e Estados Unidos. Há grande concentração de riqueza e marginalização, xenofobia dentro dos países

desenvolvidos. A situação é muito desfavorável, mas vejo que está emergindo um sistema multipolar. Além desses três, há a Índia e a China. Outros podem surgir.

ISTOÉ – Nesse cenário, como está o Brasil?

Guimarães – As pessoas que traçaram a política externa brasileira nos últimos anos acreditavam que o mundo passava por um processo de globalização com expansão econômica e abundância de capitais. Os capitais viriam, modernizariam a economia e transformariam o País em uma plataforma exportadora. A globalização se mostrou altamente assimétrica, os fluxos de capital gerados eram especulativos e destroçaram economias. No Brasil, houve uma abertura irrestrita da economia, sem nada exigir em troca. Tradicionalmente, os países abrem seus mercados a partir de negociações porque abrir significa aumentar importações.

Libera-se o movimento de capitais, mas se exige, por exemplo, que os investidores contribuam para o movimento exportador. Isso não foi feito. No Brasil, abriram-se o setor financeiro, de mineração, telecomunicações, energia... Talvez não conhecessem bem a estrutura do poder mundial.

ISTOÉ – Onde mais o governo FHC errou?

Guimarães – Uma política que tem uma taxa de juros de 21% estimula investimento especulativo e aplicação em títulos. Há um enorme desemprego em regiões como São Paulo, o que decorre, em parte, de uma política tecnológica equivocada, que não leva em conta as necessidades de emprego. Se tudo se resume à lei de responsabilidade fiscal e à taxa de juro elevada, não deu certo. Um governo não pode governar para as instituições financeiras nacionais e internacionais.

ISTOÉ – A Alca não seria uma chance para o Brasil expandir mercados?

Guimarães – A Alca tem sido apresentada apenas como uma questão comercial, mas ela tem vários objetivos. Eliminar todas as barreiras tarifárias e não tarifárias ao comércio de bens e serviços, estabelecer uma disciplina de capitais estrangeiros de tal forma que o Estado não possa orientá-los, tornar mais rígidas as regras de propriedade intelectual. Na prática, a Alca impede que os Estados tenham política econômica.

ISTOÉ – O sr. não está exagerando?

Guimarães – Se não for possível disciplinar o capital estrangeiro nem ter tarifas, como estimular as exportações? As maiores empresas do mundo, com maior capacidade organizacional, dinamismo, economia de escala e acesso a crédito concorrerão no mesmo espaço econômico com as empresas brasileiras. O Estado precisa ter os instrumentos de política econômica para enfrentar os desafios da sociedade brasileira. Entre 30 milhões e 50 milhões de pessoas estão excluídas. As empresas brasileiras são eficientes, mas é óbvio que, quando se tem igualdade de competição entre empresas assimétricas, as médias, por mais eficientes que sejam, quebram ou são absorvidas. Se a nossa tarifa média é mais elevada que a americana é porque, na média, as empresas americanas são muito mais competitivas que as brasileiras.

ISTOÉ – O sr. já fez contas, cenários a esse respeito?

Guimarães – Tem sido colocado que a integração aponta para um leve aumento nas exportações. Seria verdade para alguns setores, mas também haveria um aumento das importações. Uma área de livre comércio onde os países são muito assimétricos

agrava

as diferenças. Os EUA têm 80% do PIB das Américas. Pode haver um déficit. Ver isso não depende de conta.

ISTOÉ – Mas o Brasil é competitivo em setores importantes.

Guimarães – O Brasil é muito competitivo em café, siderúrgicos, têxteis e calçados. São as commodities mais simples, onde há mão-de-obra mais barata. Ser competitivo, no caso brasileiro, em geral, significa pagar salários mais baixos. Não é coisa para ficarmos muito satisfeitos.

ISTOÉ – Houve uma virada surpreendente na balança comercial. O sr. não estaria subestimando a capacidade brasileira de competir?

Guimarães – O superávit que temos agora é baseado na estagnação da atividade econômica. Um aumento de 1% nas exportações contra a queda de 17% nas importações. Para ter um superávit saudável é preciso aumentar as exportações, agregar valor, diversificar mercados. É preciso ter política comercial.

ISTOÉ – O que está colocado é a Alca entrar em vigor em 2005. O que o próximo governo pode fazer? Dizer não?

Guimarães – É preciso uma avaliação séria do que significa a Alca em termos de restrição da capacidade de fazer política econômica, ou vamos ficar diante de uma situação muito grave. Além disso, o próprio governo americano diz não à Alca quando afirma que não negociará produtos agrícolas e a sua legislação de defesa comercial. Avançam em outras áreas, que lhes interessam.

ISTOÉ – Mas é possível dizer não à Alca?

Guimarães – Não se trata disso. Embora eu ache que o resultado final dessa integração seja altamente prejudicial a qualquer estratégia de desenvolvimento econômico, hoje em dia há condições para vincular de forma precisa negociações entre diversos setores.

ISTOÉ – O País não pode perder mercados, sofrer represálias?

Guimarães – O Brasil não tem dez milhões de habitantes, tem 170 milhões. Não é obrigado a fazer nada que não deva. Imaginar isso é um equívoco. As relações de comércio são regidas pela OMC. Além disso, há interesses americanos no Brasil. Não é simplesmente dizer não à Alca. Devem-se colocar na mesa os temas que nos interessam

e condicionar o avanço. Não podemos abdicar de instrumentos de promoção do desenvolvimento econômico e social. Ou o Brasil resolve suas disparidades, vulnerabilidades e constrói uma infra-estrutura para garantir o crescimento, trilhando um destino de grandeza, ou mergulhará na estagnação e na instabilidade social.

ISTOÉ – O sr. teria dito que o Brasil não deveria se sentar à mesa para negociar a Alca. O sr. mudou de posição?

Guimarães – Tal como está, a Alca elimina instrumentos de política de desenvolvimento imprescindíveis. Seria necessário uma Alca diferente. Por exemplo, teria que haver transferência de fundos compensatórios entre os países para reduzir assimetrias, como na União Européia. Liberdade para movimentação de mão-de-obra, o que, no caso do Brasil, seria fundamental. O que eu sempre disse – e continuo dizendo – é que não podemos abrir mão de instrumentos de política industrial. O que está aí não é um processo de integração, é uma anexação. Resta

saber como transformar um processo de anexação em um processo de integração. Entrar na Alca como ela está poderia levar o Brasil a uma situação tão grave que o País não seria capaz sequer de cumprir o tratado.

ISTOÉ – Como seria o Brasil sem a Alca. Não perderia mercados?

Guimarães – Não temos nada a temer da concorrência dos outros países na América Latina no mercado norte-americano. Têm uma estrutura econômica muito menos diversificada. Não competem com o Brasil ou, quando competem, o fazem com produtos que já têm tarifa zero. O problema maior está na concorrência com os produtos americanos em cada um dos mercados maiores. A solução é investir em acordos bilaterais.

ISTOÉ – O que deveria ser feito?

Guimarães – Essencialmente, o Brasil deve investir na integração sul-americana. Também nas relações com os Estados Unidos e, em seguida, na possibilidade de estabelecer laços muito proveitosos de cooperação com países como China e Índia, que, além de serem semelhantes ao Brasil, têm elevado grau de desenvolvimento científico e tecnológico em áreas importantes para o País.

ISTOÉ – É crível expandir as relações com os Estados Unidos e ao mesmo tempo dizer não à Alca?

Guimarães – Não se trata de dizer não à Alca. O Brasil tem seus objetivos e os Estados Unidos têm os seus. É definir os melhores meios. Mas o compromisso brasileiro tem que ser com a sociedade brasileira, não com os EUA.

ISTOÉ – O Mercosul está em frangalhos. Como promover essa integração sul-americana?

Guimarães – É preciso repensar o Mercosul. Ele tem que deixar de ser uma união aduaneira neoliberal, onde se eliminam as tarifas para ver o que acontece. O Mercosul também não tem fundos de compensação, não tem política agrícola e industrial, não tem coisa nenhuma. Isso gera ressentimentos, porque aumenta os desequilíbrios. É preciso transformá-lo em uma união econômica semelhante à européia, que preveja a redução das assimetrias e onde o Brasil tenha uma posição que corresponda ao seu peso econômico e político.

ISTOÉ – Na integração sul-americana que o sr. propõe, o Brasil teria que investir nos parceiros. Isso seria factível? Também estamos em crise.

Guimarães – O BNDES é um dos maiores bancos de investimento do mundo. As necessidades dessas economias são razoavelmente pequenas, comparadas com a nossa economia. Pode-se, por exemplo, abrir linhas de crédito para empresas brasileiras que queiram investir naqueles países em associação com empresas locais.

ISTOÉ – O sr. mostrou um quadro difícil. Como o governo Lula vai se sair?

Guimarães – O governo Lula tem todas as condições de se sair bem em termos de política externa porque parte de um diagnóstico correto da situação da sociedade brasileira, concentrando as prioridades na geração de emprego, da eliminação da fome e redução da vulnerabilidade externa. Mas a política externa tem de corresponder ao diagnóstico. Para criar empregos, aumentar as exportações, é preciso que, externamente, se preservem os instrumentos.

ISTOÉ – Como o sr. imagina que serão as relações entre o Brasil e os Estados Unidos com o novo governo?

Guimarães – Os Estados Unidos são um importante parceiro comercial brasileiro, mas não o mais importante. Devem corresponder a 20% do comércio exterior brasileiro. O Brasil é um local excelente para os investimentos americanos, que, certamente, não têm receio de determinadas regras porque delas não têm receio na China. Investem muito mais lá. Os chineses são duros, sabem o que querem. Sempre que houver no Brasil a compreensão de que os Estados Unidos estão contribuindo para o desenvolvimento brasileiro, não há razão para um conflito maior.

ISTOÉ – A saída é crescer pela exportação. Há espaço?

Guimarães – Há uma situação delicadíssima. Com a abertura comercial irrestrita, aumentou o componente importado nas cadeias produtivas, o que significa que para exportar mais será preciso importar mais. Promover a substituição das importações em cadeias produtivas mais importantes não é uma tarefa trivial.

Nos setores mais avançados é grande a presença estrangeira. Como induzir essas empresas a exportar sem competir com suas matrizes e filiais presentes em outros mercados? A tarefa é essa.

ISTOÉ – O sr. diverge da maioria dos seus colegas do Itamaraty. Como o sr. reage a críticas que o colocam como um radical?

Guimarães – Sou até muito ponderado. Não há radicalismo quando se parte da realidade. Radicalismo é abrir a economia sem nada exigir em troca.

FRASES DA SEMANA

O PT E O FMI

"É um movimento duplo. O FMI foi abalado em suas convicções. Sabe que suas recomendações não fazem mais o sucesso de outrora. O Brasil é o último prato na cristaleira para o FMI mostrar e ter do que se orgulhar. O FMI mudou, mas o PT mudou muito mais" - Delfim Netto, economista e deputado federal, em entrevista ao Jornal do Brasil, 24-11-02, explicando a lua-de-mel do Partido dos Trabalhadores com o Fundo Monetário Internacional.

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

"A redução de jornada não se impõe apenas como medida de combate ao desemprego, tampouco como artifício de incremento da economia. Ela se apresenta como grãozinho de sal político na receita insossa do sindicalismo de resultados e instaura o paradigma da qualidade de vida nas relações de trabalho. A história dos direitos humanos é a história do desenvolvimento da sensibilidade." - José Eduardo de Resende Chaves Júnior, juiz do trabalho, Belo Horizonte, MG, no painel do leitor, Folha de S. Paulo, 25-11-02.

INTERDISCIPLINARIDADE E A EMERGÊNCIA

"Pois ao longo dos três últimos séculos, na ciência e pensamento ocidentais, múltiplas observações de causalidade encorajam o surgimento de uma esperança quanto ao previsível, e a previsibilidade vem sendo a base para as expectativas de

que o pensamento e a ciência sejam capazes de projetar imagens confiáveis do futuro sobre as quais basearmos nossas ações. Mas, embora os cientistas e os humanistas do nosso grupo tenham concordado quanto ao fato de que causalidade e emergência não são opostos, acreditamos também que a imprevisibilidade, em lugar da causalidade, é o marco da emergência” - Manifesto do Congresso sobre interdisciplinaridade realizado em agosto na Universidade de Stanford que vê no conceito de emergência a ‘mão invisível’ que articula a colaboração entre as diferentes áreas do conhecimento – Folha de São Paulo, 25-11-02.

“Os fenômenos surgem, emergem, formando ilhas de estabilidade em um oceano em fluxo. Por sua emergência, um fenômeno se torna suficientemente estável para servir como base para ação, para ser alterado, usado ou para participar de novos processos emergentes e se estabilizar em um nível mais alto de organização. Esse princípio se confirma tanto para os fenômenos naturais quanto para os culturais” – idem.

Comunicações da Coordenação

CEPAT

No dia 18 de novembro, em Curitiba, PR, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou da reunião da diretoria do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, que visou o planejamento das atividades para 2003, com ênfase na Escola de Formação Política e no boletim CEPAT Informa.

Espiritualidade e Solidariedade

No dia 19 de novembro, em Curitiba, PR, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu três conferências no II Simpósio de Teologia de Curitiba, promovido pela PUC-PR. O tema central do Simpósio foi *A espiritualidade e a solidariedade na construção de um mundo melhor*. Frei Clodovis Boff e Maria Clara Bingemer, professora da PUC-RJ foram os assessores dos dois outros dias do evento.

Redução da jornada de trabalho

No dia 21 de novembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, concedeu uma entrevista ao jornal Diário Gaúcho, sobre a proposta da redução da jornada de trabalho.

Unisinos no FSM - 2003

Na última quinta-feira, a coordenação do IHU esteve reunida com Maria Dinorah Araújo, da Difusão Cultural, Fernando Poccai, da Procex, Prof. Alexandre Peroni, do Centro de Ciências da Saúde, prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, Denise Avancini Alves e Gilmar Vargas Cardoso, da Prodesen, e Thaís Jardim, da Editora Unisinos. O objetivo do encontro foi dar continuidade à preparação do Stand com o qual a Unisinos estará presente no Fórum Social Mundial de 2003.

Pensando e Fazendo Gênero

No dia 22 de novembro, a coordenação do IHU participou da Jornada Pensando e Fazendo Gênero, realizada na Unisinos e promovida pelo Grupo Temático Relações de Gênero do IHU.

YVY JU

Recebemos e agradecemos o CD YVY JU. Caminho da Terra sem Males. Grupo de Dança Nhãmandu Mirim, Musicologia Guarani no Rio Grande do Sul, que nos foi encaminhado pela Profa. Dra. Paula Caleffi, do PPG de História.

Ética, cultura e cidadania

Na quinta-feira passada, o coordenador do Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU, Laurício Neumann, esteve reunido com os articuladores dos grupos e temáticos inseridos no Setor. São eles: Ética e Antropologia, Bioética, Direitos Humanos, Indígena, Cidadania e Exclusão, América Latina e Gênero. No GT Cidadania e Exclusão, ainda constam o Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo, o Grupo de Estudantes e Comunidade Afro da Unisinos - ECAU, o Programa de Estudos sobre Desenvolvimento e Autonomia no Vale do Rio dos Sinos - PEDRA e o Programa Juventude. O objetivo do encontro foi avaliar as atividades desenvolvidas nesse primeiro ano de trabalho e projetar as ações para 2003, de cada grupo temático, mas de forma inter e transdisciplinar conjunta no Setor.

Atividades culturais

No dia 22 de novembro, a coordenação do IHU participou da reunião convocada pela Pro-Reitoria Comunitária e de Extensão, Procex, para discutir a descentralização das atividades culturais da Unisinos na comunidade local. Participaram da reunião os professores Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna e Haide Hupffer, Lúcia Passos, coordenadora da Difusão Cultural, Agnes Schmeling, regente do coral infantil e juvenil do Movimento Coral Unisinos e Maria Dinorah Araújo, da Difusão Cultural.

Reunião GT Religiões

O Grupo Temático *Religiões*, do IHU, convida os interessados e as interessadas no tema religiões, especificamente os professores e as professoras do Curso de Aperfeiçoamento em Estudos em Religiões e Religiosidade, bem como toda a equipe de Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo–GDIREC, para uma reunião ampla, no próximo sábado, dia 30 de novembro, a partir das 9 horas. A reunião terá duas finalidades muito concretas: avaliar a pertinência, propor e (a)colher sugestões para a continuidade (ou formas alternativas) do 'Curso de Aperfeiçoamento em Estudos em Religiões e Religiosidade', e avaliar a pertinência, propor e (a)colher sugestões para a continuidade (ou formas alternativas) das diferentes atividades do Programa 'Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo' – GDIREC. A reunião termina com um almoço, no Recanto dos Eucaliptos, junto à Residência Conceição dos Jesuítas, localizada à rua Aloysio Sehnem, número 186.

A presença deve ser confirmada na Secretaria do Centro de Ciências Humanas, com Eunice, ou no IHU (no GDIREC), com Adevanir (Deva) até o dia 27 de novembro. Aos que gostariam, mas não podem se fazer presentes pessoalmente, favor deixar, por escrito, algumas sugestões dentro das duas questões acima sugeridas nos locais de confirmação de presença.



Solon Eduardo Annes Viola



O professor Solon é articulador do grupo temático Direitos Humanos do Setor Ética, Cultura e Cidadania, do Instituto Humanitas Unisinos. Também é professor do Centro de Ciências Humanas e coordenador adjunto do curso de Pedagogia. O pai de Giordano, Mariana e Carolina tem muita história para contar.

Origens - Nasci no ano de 1948 em Uruguaiana. Minha família era de ferroviários e estávamos sempre nos mudando. Sou o mais novo de três irmãos. Passei minha infância em Garibaldi. Lá estudei no Colégio Santo Antônio, dos Irmãos Maristas. Eu tinha várias tarefas domésticas, que eram minha responsabilidade, como cuidar das galinhas e manter a horta que tínhamos nos fundos da casa. Vivi uma infância feliz, rodeado pelos pais, amigos e irmãos. Participei da *Cruzada Eucarística*, uma espécie de grupo religioso de jovens ligado à escola. Nós sabíamos aproveitar os espaços favoráveis da natureza, como a mata e o lago.

Marcas - Em 1964, nos mudamos para Passo Fundo. Era uma cidade maior e tínhamos que começar tudo de novo. Em um novo ambiente, criamos novas amizades. Era um novo tempo que o Brasil vivia também. Isso marcou minha juventude e minha vida. Comecei a fazer parte do movimento estudantil e a tomar contato com as propostas da educação de Paulo Freire. Me envolvi com isso.

Militância estudantil - Foi esse envolvimento que me levou a Porto Alegre, em 1968. Fui morar sozinho aos 19 anos. Eu já era presidente da União Passofundense de Estudantes e passei a ser membro da União Brasileira de Estudantes Secundaristas - UBES. As atividades de militância começaram mesmo em 1969. Eram um tanto clandestinas, em virtude do período por que passávamos. Na época, ficou difícil seguir com os estudos. A militância exigia práticas não rotineiras, e eu precisava me sustentar. Trabalhei de *freelancer* e aplicava questionários em pesquisas de universidades.

Formação - Cursei História na UFRGS. Fiz curso de especialização em Pedagogia e em História, também na UFRGS. Cursei o mestrado em História na Unisinos. Atualmente, sou doutorando em Ciências Sociais Aplicadas.

Profissão - Trabalhei no La Salle e na FAPA, como professor de História. Fiz concurso na Unisinos e fui aprovado para lecionar História. A convite do professor Victor Becker, passei a trabalhar também no curso de Ciências Sociais. No decorrer dos anos, me aproximei mais das Ciências Sociais e da Pedagogia. Nos anos 90, fui chefe do departamento das Ciências Sociais. Hoje sou coordenador adjunto do curso de Pedagogia aqui na Unisinos, ao lado da professora Cecília Broilo.

Família - Conheci a Graça, minha esposa, na década de 70, em uma festa. Ela era funcionária da Rede Ferroviária Federal. Graça é formada em Matemática pela UFRGS. Temos três filhos: Giordano (24), mestrando em Biologia na UFRGS, Mariana (22), aluna de Biologia na Unisinos, e Carolina (18), aluna de Psicologia na Unisinos. Temos um convívio familiar muito legal. Procuo passar aos meus filhos valores, como a amizade, a compreensão e o diálogo permanente.

Autores - Paulo Freire, Antonio Gramsci e Clarice Lispector.

Livros - *Educação e Mudança*, de Paulo Freire; *Cartas do Cárcere*, de Gramsci; *Lições de amor*, de Clarice Lispector.

Filmes - *Tempos Modernos*, de Chaplin; *2001 - Uma odisséia no espaço*, de Stanley Kubrick; *A Era do Rádio*, de Woody Allen.

Na TV - Filmes e Futebol.

Duas paixões - Livros e música.

Nas horas livres - Ler, escutar música e conversar com meus filhos.

Momentos marcantes - O nascimento de meus filhos.

Unisinos - Esperança de conhecimento crítico e de inserção na sociedade.

IHU - Força capaz de movimentar a Universidade para um caminho de compromisso social.

Um sonho - Ver um Brasil socialmente mais justo e uma América Latina livre.

Cartas do Leitor

Recebo semanalmente e sou leitor assíduo do IHU On-line. Já utilizei vários artigos em trabalhos de aulas. Parabéns por este que é, sem dúvida, o mais competente e contextualizado Boletim da Universidade.

Cordialmente,

Godofredo R. Goemann Jr. , aluno do curso de Ciências Sociais, Analista de Sistemas/DSI- Unisinos e Voluntário do Projeto "Informática Voluntariado Pastoral" do IHU.

Recebo o IHU On-Line há alguns meses, e agradeço. São informações muito boas.

agradeço a atenção.

Maria Fernanda Milicich Seibel

Sala de Leitura



"O livro que leio atualmente é *Antropológica do espelho*, de Muniz Sodré. Editora Vozes, 2000, 268 páginas. É uma leitura instigante sobre a mídia e a sociedade contemporânea. O "balcão de negociação" social e a conformação de um *ethos* *mediatizado* é o centro do debate proposto pelo professor que recebeu o prêmio Luiz Beltrão, categoria maturidade científica, entregue durante o Congresso da Intercom, em Campo Grande/MS, em 2001".

Prof. MS Álvaro Benevenuto Jr., mestre em Comunicação, jornalista e professor do Centro de Ciências da Comunicação.



"Estou lendo *Complicações- dilemas de um cirurgião diante de uma ciência imperfeita*, de Atul Gawande. Editora Objetiva, 292 páginas, 2002. O livro trata das incertezas, dos riscos, das questões éticas e das angústias com que os médicos se deparam, quando precisam tomar uma decisão. Aborda, às vezes de forma aterrorizante, o treinamento, os erros, os dilemas e os mistérios desta profissão, mostrando, ao mesmo tempo, a crueldade e a solidariedade inerente aos atos médicos. É excelente!"

Dagmar Rosana Sordi, mestre em Administração, especialista em Administração Hospitalar, em Saúde Pública e em Planejamento Familiar, graduada em Enfermagem Obstétrica e Vice-Diretora do Centro de Ciências Econômicas.



das Letras, 220 páginas, 26ª edição. O livro fala sobre as comunidades que formaram o Brasil, principalmente da Espanha e Portugal. Ele faz uma análise das fronteiras da Europa e da colonização das terras tropicais. Mostra a herança rural, a fundação das cidades, o tipo de homem que se constitui, os novos tempos e agitações políticas na América Latina".

Prof. MS Ruben Maturana, mestre em Psicologia Social e professor do Centro de Ciências da Saúde.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é um boletim eletrônico do Instituto Humanitas Unisinos. **Coordenador:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS